

14

“Ele não me pode conter! Ele não me pode conter! Preciso libertar-me!” Há milhares de anos este grito eterno rasga as entranhas do mundo, e as devasta e as fecunda. Salta de corpo em corpo, de geração em geração, de espécie em espécie, cada vez mais voraz, sempre mais potente. Os pais exclamam: Quero um filho que me ultrapasse!

15

No momento terrível em que este grito nos trespassa, sentimos que uma força implacável, pré-humana, nos empurra para a frente como uma torrenciosa feita de lágrimas, de sangue, de suor e de clamores de alegria.

16

Um vento de amor varre a Terra, e a vertigem se apossa de tudo o que vive. Na água, nas cavernas, no espaço, sobre a Terra, os corpos se entrelaçam e transmitem uns aos outros a inconcebível e grande nova.

17

Somente agora, sentindo em nossa espalda o poderoso impulso, é que podemos começar a conceber o que impelia os animais à luta, a procriar e a morrer, e detrás deles, as plantas e toda a matéria caótica.

66

18

Somos tomados de reconhecimento e de pena para com nossos velhos companheiros de luta: eles trabalharam, amaram e morreram para abrir-nos o caminho.

19

Com a mesma volúpia, a mesma esperança e a mesma dor, também nós trabalhamos para que Alguém, a cada um de nossos atos grandiosos, avance mais um passo.

20

Toda a nossa luta tem um fim superior a nós, e todos os nossos sofrimentos, nossas misérias, nossos crimes serão utilizados e santificados.

21

Lançamo-nos ao assalto. Um sopro se ergue, infla e fecunda a matéria, trespassa o animal e cria o homem; agarra-se a ele como um animal de presa e solta o estridente grito.

22

É a nossa vez! O sopro se apodera de nós, transmutando a matéria em espírito, calcando nosso cérebro e nossa semente, lançando-se fora de nosso corpo.

67